
MEMÓRIA DE UMA COMUNIDADE INTERIORANA: O INSTITUTO HISTÓRICO DE CAJAZEIRAS(PB)¹

Mariana Willendorff da Costa Oliveira ²

UFCG

mariana19_pb@hotmail.com

Francisca Edna Cláudia Ferreira³

UFCG

edna-ip@hotmail.com

Introdução

Partindo da necessidade de entender seu próprio passado e entendendo o indivíduo enquanto ser social, ou seja, mesmo imbuído de individualidade faz parte de uma coletividade que o institui e é instituída por ele, o homem apela às suas lembranças e às lembranças daqueles que compartilham sua experiência em sociedade.

Deste modo a pesquisa histórica depende da relação sócio-cultural de quem a realiza, em um constante movimento das instituições, dos pesquisadores, dos filósofos historiadores, que mesmo divergindo em alguns pontos se relacionam no processo de produção do conhecimento, pois a prática histórica é relativa ao estado estrutural da sociedade, sendo suas mazelas e peculiaridades refletidas na pesquisa.

O século XIX representou o momento de institucionalização da História enquanto ciência. Nesse momento, lançam-se as bases para a construção de um saber marcadamente objetivo, produzido a partir de métodos e teorias próprios do trabalho do historiador. A fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838 representou um importante passo rumo à criação de um espaço produtor da história do Brasil, na tentativa de criar identidades e territorialidades baseada na busca incessante, compilação, organização e acondicionamento de vasta pesquisa documental. O IHGB

¹ Este trabalho sistematiza parte da pesquisa realizada pelo Projeto de Extensão VESTÍGIOS DE UMA MEMÓRIA: ORGANIZAÇÃO DO ACERVO DO INSTITUTO HISTÓRICO DE CAJAZEIRAS (IHC) PROBEX/UFCG 2010/2011.

² Aluna do Curso de Licenciatura em História, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, UFCG, Cajazeiras, PB. E-mail: mariana19_pb@hotmail.com

³ Aluna do Curso de Licenciatura em História, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, UFCG, Cajazeiras, PB. E-mail: edna-ip@hotmail.com

formou-se numa estreita relação com o Estado, visando à manutenção da ordem e da integridade territoriais, construindo o projeto de nação que tanto se almejava. Nessa perspectiva por todo o Brasil eclodiram diversos Institutos que, aos moldes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, funcionariam como espaços produtores da história e detentores da memória de cada um dos estados da federação a que estavam vinculados. Nos anos de 1990, o Deputado Federal Edme Tavares lançou em seção da Câmara Municipal de Cajazeiras, a idéia da criação do Instituto Histórico desta cidade. Uma instituição que funcionaria aos moldes dos Institutos Históricos – espaço de armazenamento e de preservação de uma memória. Entretanto, somente quatorze anos depois a proposta foi realmente efetivada por um grupo de políticos, comerciantes, professores e jornalistas cajazeirenses. Esteve à frente dessa iniciativa o professor José Antônio de Albuquerque, nomeado presidente da instituição.

Este trabalho objetiva discutir o processo de organização e catalogação do acervo do Instituto Histórico de Cajazeiras (IHC), que disponibiliza e armazena documentos (livros, periódicos, fotografias, etc.) referentes à memória e à história desta cidade. Por meio da proposta do projeto VESTÍGIOS DE UMA MEMÓRIA: ORGANIZAÇÃO DO ACERVO DO INSTITUTO HISTÓRICO DE CAJAZEIRAS (IHC) que pretende viabilizar um acesso ordenado e metódico à documentação, visando atender as necessidades de alunos dos cursos da graduação e da pós-graduação das diversas Instituições de Ensino Superior (IES) de Cajazeiras, ou mesmo de membros da comunidade que tenham interesse em conhecer a história da cidade em que residem.

Metodologia

Este trabalho seguiu a proposta metodológica apresentada no projeto VESTÍGIOS DE UMA MEMÓRIA: ORGANIZAÇÃO DO ACERVO DO INSTITUTO HISTÓRICO DE CAJAZEIRAS (IHC). Nesta primeira etapa o trabalho consistiu, basicamente, na realização de reuniões sistemáticas entre os alunos voluntários e os professores orientadores para planejamento, execução e avaliação das atividades de pesquisa. Neste sentido o trabalho obedeceu à seguinte estrutura:

- Conhecer e separar as coleções que compõem o acervo documental do IHC obedecendo a uma lógica de separação por fundo documental que levará o nome do(s) doador (es), e por tipologia documental;
- Higienização e catalogação dos documentos que compõem cada um dos fundos documentais;
- Produção de fichas catalográficas que comporão o Catálogo do IHC a ser publicado no final do projeto.

Resultados e Discussão:

Diante do exposto, avaliamos que as ações conjuntas e/ou individuais empreendidas pelos professores e estudantes que estão à frente do trabalho de higienização, catalogação e organização do acervo documental do IHC, tem como pressuposto e entendimento, que a história compreende a ligação do lugar social, da prática científica e da escrita. Sendo assim, não só os documentos em si, mas as anotações presentes em cada um deles são entendidos como representação documental da memória do indivíduo enquanto ser social, uma vez que expressa as relações – pessoais e/ou institucionais – que vivenciou.

Devemos lembrar que a memória, expressa pela excelência e raridade do Fundo Documental Octacílio Cartaxo composto de várias peças, entre livros e folhetos, nacionais e estrangeiros, recebidos principalmente por doação e permuta, nos remete a um grupo e não apenas à trajetória individual de Octacílio Cartaxo. O indivíduo carrega em si a lembrança de seu passado distante ou até mesmo recente, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições, e é neste contexto de relações que gradativamente construímos a nossa memória. As lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, e dificilmente nossas lembranças se constituem fora deste quadro de referências.

Esta memória social tem assim uma importante função de contribuir para o sentimento de pertença a um grupo, que compartilha memórias nas dedicatórias oferecidas a Otacílio Cartaxo e outros. Neste caso o sentimento de identidade do indivíduo está calcado numa memória compartilhada e não só no campo histórico, mas, sobretudo no campo simbólico. Assim sendo, a memória pessoal transforma-se em fonte

histórica, justamente porque o indivíduo está impregnado de elementos que ultrapassam os limites de seu próprio corpo e que dizem respeito aos conteúdos comuns dos grupos ao qual pertence ou pertenceu.

A escrita historiográfica prescinde do entendimento dessas relações, pois elas constituem o lugar do indivíduo em sociedade, bem como do lugar social do historiador – de onde fala, para quem fala, com que objetivo fala. Cabe nessa perspectiva, como nos ensina Michel de Certeau (2008), a nós historiadores, assumirmos a impossibilidade de construção de um conhecimento objetivo. As nossas ideias, a nossa cultura, as linhas de pensamento as quais estamos vinculados nos colocam num espaço e num tempo específicos que irão nortear e definir a nossa prática de pesquisa e de produção da narrativa historiográfica. Ou seja, o saber está ligado ao lugar social do historiador, sendo impossível analisar o discurso histórico fora da instituição a que pertence e se correlaciona com as produções. A intenção é produzir a escrita da história problematizando e questionando o próprio discurso historiográfico a partir de um conjunto de práticas definidas pelas instituições e que servirão de base para que o trabalho de cada historiador seja avaliado na coletividade de outros trabalhos, ou seja, uma rede de ligações institucionais formais que dependem do momento de formação de teorias e práticas para que este trabalho ganhe legitimidade.

Nessa perspectiva, quando o historiador/pesquisador escolhe o objeto a ser estudado (o fato) ele o interpreta como seu ponto de chegada. Segundo Jean Glenisson,

“não basta que um fato tenha verdadeiramente existido em uma época anterior para que sua existência seja histórica. É preciso, ainda, que tal existência se tenha manifestado. A importância, frente à história, de um texto inédito durante muito tempo é nula, até o dia de sua publicação”.
(GLENISSON:1986, p.127)

O fato histórico considerado relevante deve ser estabelecido a partir de sua problematização enquanto possibilidade de explicação do real no uso da fonte. O documento é peça indispensável do trabalho do historiador, constituindo, portanto o fundamento de uma leitura aprofundada do mesmo, sua interpretação e estabelecimento reconstrutivo do fato histórico. A interpretação da fonte é a parte central de diálogo entre o historiador e o fato histórico considerado. Ao reconstruir o fato histórico o

historiador deve suspeitar da síntese obtida, buscando fontes adicionais que possam enriquecer sua interpretação.

A fragmentação histórica envolve uma transformação do conhecimento histórico que passou a considerar como válidos até mesmo os desvios, estudados quantitativos e/ou qualitativos. Uma relação que parte da ideia de uma história por fazer que, dependendo do fato e da fonte escolhida pelo historiador, desenvolve uma linguagem própria, propondo novas práticas e técnicas para explicá-lo. De acordo com Certeau, o historiador vai trabalhar o fato escolhido a partir de suas margens e fronteiras espaciais, transitará do lado oposto das racionalizações adquiridas e olhará para o mundo dos esquecidos, dos desprivilegiados, da loucura, e, por essa prática, fará aparecer às diferenças que serão relativas ao meio analisado. A passagem da prática para a escrita é um processo complexo, que envolve prática e técnica, pois na escrita se exige um texto estruturado que tenha relação com o corpo social e o saber a ser construído. Neste trabalho, além de discussões teóricas relacionadas ao fato histórico, ao documento histórico, ao arquivo, à noção de fonte histórica e os diferentes tipos de fontes com que pode lidar o historiador, empreendeu-se o trabalho propriamente dito de organização, higienização e catalogação do acervo documental do Fundo Octacílio Cartaxo (IHC).

Neste processo tivemos o apoio fundamental do presidente do Instituto Histórico de Cajazeiras, professor José Antônio de Albuquerque que facilitou o nosso acesso ao acervo e desenvolvimento do trabalho. Com o intuito de evitar uma eventual desorganização da lógica de trabalho empreendida pela equipe, o acesso ao acervo pela comunidade de Cajazeiras passou a ser restrito. Não o bastante, comprou uma mesa de higienização, peça fundamental para o processo de limpeza dos livros e documentos para posterior catalogação. O trabalho se concentrou na higienização e catalogação da biblioteca do Instituto, que hoje conta com 06 estantes de livros doados pela família do escritor cajazeirense Otacílio Dantas Cartaxo. De acordo com o presidente do Instituto, o acervo possui aproximadamente 20 mil documentos – cópias de periódicos que circularam entre as décadas de 20 e 50 do século XX, livros da Diocese, e outros, – que estão dispersos e que, depois de catalogados, poderão ser disponibilizados para pesquisa no IHC.

Seguindo as finalidades do projeto, a equipe iniciou as atividades com uma pré-seleção dos documentos a serem trabalhados e uma divisão individual de horários para melhor execução das atividades. A princípio nossa maior dificuldade foi o processo de adaptação a construção das fichas catalográficas formulando as referências bibliográficas e um breve resumo de apresentação dos documentos, separados por tipologia. Essa dificuldade, no entanto, vem sendo minimizada pelo auxílio e orientação recebidos dos professores orientadores.

Com a divisão das estantes entre os membros da equipe, o segundo passo foi partir para higienização e catalogação dos livros e periódicos que estão distribuídos pela biblioteca. Ainda não tivemos acesso aos documentos avulsos, como atas, cartas, fotografias, etc. Pois este serão catalogados tão logo concluirmos o trabalho no Fundo Documental Octacílio Cartaxo.

Assim, é reconhecida a preocupação da equipe em ser cuidadosa na parte da higienização, devido ao estado em que se encontram alguns documentos por seu tempo de publicação, como também na elaboração dos resumos, que serão a base fundamental para os pesquisadores que utilizarão o acervo do Instituto em seus trabalhos. Nossa equipe também está trabalhando na digitalização das fichas catalográficas com o intuito de dar andamento ao projeto objetivando concluir a catalogação da biblioteca até o final deste ano.

Este projeto nasce da necessidade de organização deste acervo para posterior disponibilização para pesquisa, visando o acesso da comunidade e estudiosos a este acervo da história de Cajazeiras. Mesmo estando ainda na primeira etapa deste estudo, entendemos que a memória de uma cidade, seja ela interiorana ou não, é construída também pela memória de seus habitantes, pelos vestígios que dela permanecem e por um passado em constante processo de elaboração.

Desta forma tanto a memória quanto a história revelam-se cada vez mais problematizadoras, marcadas por uma indiscutível subjetividade. De acordo com Levi, Cada sistema de disposições individuais é uma variante estrutural dos demais (...), o estilo pessoal não é senão um desvio em relação ao estilo próprio de uma época ou de uma classe.

Nessa perspectiva, um acervo como este é de suma importância os alunos de graduação, como também dos outros segmentos da sociedade que, porventura, tenham interesse em conhecer e refletir sobre a história de Cajazeiras.

Bibliografia

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla. (org.) *Fontes Históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 23-79.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. 5 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002, pp. 183-192.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. pp.65 – 109.

GLENISSON, Jean. O objeto intelectual da pesquisa: o fato histórico. In: *Iniciação dos estudos históricos*. 5 ed. São Paulo: Difel, 1986.123 – 166.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla. (org.) *Fontes Históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 111-153.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. 5 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002, pp. 167-182.

KARNAL, Leandro. TATSCH, Flavia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla B. LUCA, Tânia Regina D. *O historiador e suas fontes*. São Paulo. Contexto. 2009. pp.09 – 27.

LE GOLFF, Jaques. História e memória. 3 ed. Campinas – SP:Unicamp, 1994. pp